

Natalia Mirza Labraga*

O gênero do que não se conhece, *gender queer*

Marcela...

“Estive me escondendo, tentando passar despercebida, desviar a atenção de mim durante todo o tempo que estive com ela. Era como se, por não poder assumir uma posição ou definir a minha identidade, não pudesse me definir em nada nem ser nada”. Assim fala Marcela, aliviada pelo espaço social reconquistado agora, ao ter novamente um namorado homem, após um intervalo de alguns anos no qual, pela primeira vez na sua vida, teve um relacionamento com uma mulher.

Marcela não se sente homossexual. Nunca se identificou a si mesma como lésbica e nunca quis dar a conhecer sua situação no seu núcleo íntimo, excluindo seu analista e uma amiga. Nunca quis sair de nenhum closet porque lhe resultava mais asfíxiante o fechamento dentro de uma determinada categoria - lésbica ou bissexual -, e suas consequências, do que a relativa liberdade que lhe outorgava o fato de não admiti-lo. “Para mim o closet é dizer ‘sou lésbica’”, diz em formulação quase idêntica à que leio algum tempo depois em Judith Butler (2000, p. 90): “Se eu proclamasse ser lésbica, ‘torno-me visível’ somente para produzir um *closet novo*”.

Essa é uma formulação que poderia nos parecer familiar na clínica do contexto atual, o que não quer dizer que não nos interpele e que não gere múltiplos movimentos de interrogação, nos confrontando com “o que não se conhece”.

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

Que espaço têm em nossas escutas as concepções teórico-clínicas hetero-normativas da sexualidade? Continuamos apegados à “pastoral genital”, como a chamava Lacan? Como se desempenham aspectos politicamente corretos ou de um esnobismo *open-mind* por trás de um posicionamento supostamente aberto e não censurador? Ou, por sua vez, quanto disso mesmo corre o risco de nos fazer cair em uma desproblematização da sexualidade, criando uma aliança com uma forma desmentida que também tem um ar de onipotência e de evasão da castração? Em definitivo, que corpo estamos pensando, falando e ouvindo hoje em dia, a partir da psicanálise?

Dos nossos binarismos - homem/mulher, fálico/castrado, homossexual/ heterossexual - à impugnação das categorias e à defesa da ambiguidade do “gênero fluido” ou *gender queer*, o golpe é forte e o percurso é longo. Do corpo anatômico como algo real e a diferença homem/mulher como limite ou ponto de partida inapelável ao corpo como pura construção cultural, onde devemos nos posicionar?

Marcela, de qualquer forma, sofre. Não há nada simples em seu modo de viver, tramitar, curtir ou padecer sua sexualidade. Tem a ver com uma ideia de se disfarçar, de “se esconder”, de “passar despercebida” para sobreviver; demonstra o quanto precisa matar algo dentro dela para ser aceita, porque não é possível viver em um “não espaço”, nas heterotopias do gênero.

Embora a psicanálise sempre tentou se distanciar das cosmovisões, é verdade que a rigidez e a soberba nos atravessam e que, em contradição com o que muitas vezes defendemos, somos presa fácil dos julgamentos de valores e dos preconceitos, como qualquer outro ser humano ou ainda mais, porque às vezes a repulsa ou a intolerância vêm disfarçados de adequação ou legitimados por um certo conhecimento. Embora não tenha passado tanto tempo desde que a homossexualidade era considerada uma perversão e o transexualismo era considerado uma psicose, o nosso posicionamento no que diz respeito a esses assuntos agora parece ser bastante mais aberto. De qualquer forma, não nos enganemos, porque também é frequente que a repulsa e a intolerância se mantenham, disfarçadas como conceitualizações tranquilizadoras.

Não digo isso com vontade de me posicionar em outro espaço, porque faço absolutamente parte dessas gerações e sinto também o impacto e o desconcertante da vertiginosidade extrema de algumas das mudanças contemporâneas, em especial aquelas que concernem aos corpos e a seu erotismo, bem como seus modos de se conformar e se deformar. Pelo contrário, hoje em dia, me sinto pessoalmente interpelada em relação aos meus modos de conceber a sexualidade e o gênero, e é a partir dessa posição que escrevo. Não somente sob uma perspectiva psicanalítica, e sim também sob uma perspectiva do subjetivo que inclui dimensões políticas e sociais. E me reconheço “envergonhadamente”, para tomar a expressão que com provocação introduz Allouch, ignorante e desconhecadora de muitas das formas em que tais assuntos estão sobre a mesa. “Os que foram envergonhados pelas nossas descrições ‘clínicas’, hoje em grande parte obsoletas, e pelas práticas normalizantes que com frequência as acompanhavam, nos devolveram essa vergonha na cara” (Allouch, 2015, p. 14).

Por algum motivo, em 1998¹, esse autor recolhia o desafio de Lacan de 1976: “Tudo deve ser retomado desde o começo a partir da opacidade sexual” e especialmente isso conduz ao questionamento de que a “máquina edípica” organize a questão sexual (Allouch, 1999, p. 8).

Em seu livro *Sustancias de lo imaginario*, por sua vez, G. H. Mele-
notte (2004) propõe como justamente os movimentos gay and lesbian e atualmente, em especial, os *queer* não somente interrogam a questão do sexual, mas também a sociedade toda, em suas dimensões sociais e políticas, de poder, atribuições e performatividade, incluindo também nesses questionamentos as categorias diagnósticas e os quadros nosográficos, bem como a própria metapsicologia psicanalítica e todas as construções imaginárias que parecem vacilar e perder estabilidade, certamente não para se diluir, porém sim para se transformar.

E Lucía...

Lucía me disse animada: “Agora entendo um pouco mais... Viu que eu dizia que não sou lésbica nem sou bissexual? Que eu gosto da pessoa. Há mulheres que me atraem e outras que não, e o mesmo me acontece com os homens. Hoje ouvi que isso se chama *gender queer*, gênero fluido”.

Lucía já tinha falado no começo da sua análise sobre como seu desejo tinha essas características móveis, mas não tinha encontrado uma definição para isso que não fosse pela negativa: “Nem lésbica nem bissexual”. Agora chega com esse achado linguístico que supostamente dá suporte ao que ela “é”. Formulações desconcertantes em uma jovem que também fazia dessas formas do erotismo uma realidade efetiva na sua vida relacional e sexual, e que não parecia querer causar apenas um impacto em mim, nem adotar apenas uma “pose” *cool*. Por outro lado, pelo menos no momento do relato, a angústia não era um ingrediente substancial. Lucía parecia pular com liberdade sobre os limites e as barreiras conscientes e inconscientes que esforçadamente estamos acostumados a respeitar como neuróticos cidadãos contemporâneos de uma determinada região da América do Sul². Como se levantasse o pé para esquivar com elegância uma incômoda fissura do terreno, do mesmo modo parecia passar por cima da diferença homem/mulher, que não tinha chegado a marcar com repulsa, com desagrado, com culpa ou com ambivalência sua opção sexual.

Ao mesmo tempo em que escrevo e releio esses comentários, posso antecipar a reação dos leitores. Imagino-os pensando: “Isso não deve ser tão assim”, “deve-se tratar de uma defesa frente à angústia” ou “se não sente angústia, então talvez seja uma paciente grave, que evidência falhas na repressão”. Daí até o transtorno de personalidade, patologia *border* e traços perversos, há apenas um passo. E talvez

1. Cf. Colóquio da *École Lacanienne de psychanalyse* (1998).

2. E de um país, como o Uruguai, de fortes contradições internas, no qual os polos vão do mais reacionário, que reclama o encarceramento dos menores e repele o julgamento dos militares, ao mais progressista, que aprova o casamento homossexual, legaliza o aborto e descriminaliza o cultivo da maconha (para falar com maior propriedade, é uma lei de regulação do uso, venda e comercialização da maconha).

muitas dessas alternativas, como ficções psicopatológicas, tenham algo de verdade. Acaso não acompanhamos as formulações freudianas em relação à repressão, ao traumático e à angústia como inerentes à sexualidade humana como tal e daí estruturantes do psiquismo? Acaso, pessoalmente, não subscrevo as propostas de Lacan sobre a ideia de que a angústia age como barreira ao gozo e habilita o desejo?

No entanto, se além desses posicionamentos, que por momentos correm o risco de se tornar axiomáticos; se além das capturas imaginárias com as que tentamos aliviar nossa necessidade de organização e classificação, pudéssemos escutar que Lucía, com seus poucos, porém já bem experimentados 20 anos, está percebendo uma mudança, uma fratura em determinado tipo de lógica centrada na castração e a diferença binária de sexos? Ou que está denunciando uma virada em relação às formas de pensar e de viver o erotismo e a sexualidade que não necessariamente estão falando de patologia? Ou, pelo menos, não de uma patologia diferente daquela que nos atravessa a todos.

No entanto, algo de sua proposta fica reverberando como um “ruído” em mim: ela não duvida conscientemente de sua condição de mulher e, de fato, é uma jovem extremamente feminina. Poderíamos dizer, então, que o fluido não é seu gênero, e sim, em todo caso, sua opção sexual; porém que, necessitada de se encontrar e de se reconhecer em algum “lugar”, fica presa a partir da sua própria enunciação que denuncia que talvez também para ela, determinada pelo discurso hetero-normativo regulador do seu corpo e de sua concepção do masculino e do feminino, “desejar” uma mulher parece tornar mais instável e mais fluido seu próprio gênero, sua condição de mulher. De qualquer forma, é mais forte a procura de uma “identidade” na não identidade: “Sou a que não pode definir o que é”. Necessidade de um sentimento de pertencimento, de filiação, de uma marca significativa que nomeie e, portanto, dê existência.

As pacientes que nos convocam parecem se sublevar frente à pressão social pela circunscrição e a categorização do seu desejo. A possibilidade mesma dessa mobilidade, que inclui também o gênero, está no nó da proposta *queer*³. A renúncia ao encerramento dentro de uma categoria à qual seja inerente uma certa prática e um posicionamento destrutivo sobre saberes, poderes e atribuições. Diz Paul B. Preciado, filósofo, discípulo de Derrida, pós-feminista e um de seus principais ativistas e referentes teóricos:

Houve um tempo em que a palavra “queer” era somente um palavrão. Em língua inglesa, desde seu surgimento no século XVIII, “queer” servia para nomear aquele ou aquilo que por sua condição de inútil, mal feito, falso ou excêntrico questionava o bom funcionamento do jogo social. Era “queer” o trapaceiro, o ladrão, o bêbado, a ovelha negra e a maçã podre, porém também todo aquele que por sua particularidade ou por sua estranheza não pudesse ser imediatamente reconhecido como homem ou mulher. A palavra “queer”

3. Denominado assim por Teresa de Lauretis. Movimento que surge e se distancia do feminismo e cujos principais expoentes são também Donna Haraway, Judith Butler e Paul B. Preciado.

não parecia tanto definir uma qualidade do objeto ao qual se referia, quanto indicar a incapacidade do sujeito que fala de encontrar uma categoria no âmbito da representação que se ajuste à complexidade do que pretende definir. Portanto, desde o princípio, “queer” é mais a marca de uma falha na representação linguística do que um simples adjetivo (Preciado, 2009).

O *queer* surge, então, do ato linguístico (mas também político, estético, performático) de apropriação de um palavra que se transforma em uma afirmação. Essa dimensão se perde para o espanhol, porque *queer* já nos chega desde sua valoração e não desde seu lado daninho. Se pudéssemos, de qualquer forma, reter essa noção de marca e de sinal de uma falha, o que se aproxima muito da concepção psicanalítica do humano. Da falha enquanto constituinte de nós mesmos, falha na representação linguística que não alcança, mas que ao mesmo tempo ultrapassa, que supõe tanto a perda quanto o excesso e a inadequação; falha nos corpos, que sempre estarão incompletos, furados, desmembrados e fragmentados pela palavra; falha e impossibilidade de representar o gênero e a sexualidade na qual estamos todos: inacabados, falidos e errados, exilados para sempre da “coisa”, porém prisioneiros de montagens imaginárias, todos somos *queer* e todos estamos falidos em relação a um desejo móvel, inapreensível, mestiço e inclassificável.

De outro lado, a impossibilidade da generalização, o irreplicável e de cada subjetividade e a concepção do Eu como fachada sintonizam muito mais com esse posicionamento do que com qualquer outro discurso de gênero, incluindo aqueles puramente feministas, gays ou lésbicos que, por momentos, parecem paradoxalmente reproduzir a rigidez hetero-normativa. Do mesmo modo em que a psicanálise vinha trazer a peste, o objetivo do *queer* é gerar estranheza (*to queer*) e subverter⁴ o domínio da cultura hétero.

No entanto, os sinais de interrogação ou inclusive de possível fratura são muitos. Como pensar psicanaliticamente um posicionamento sustentado em um apelo pela não definição, pela não opção? Reconhecer-se e identificar-se com um gênero é aceitar a perda do outro, marca da castração simbólica que nos confronta com a impossibilidade do todo e do um, relançando assim a busca e o movimento do desejo. Ir além disso, até a fronteira com o gozo e o excesso pulsional, na impossibilidade de satisfação, poderia beirar a morte se a angústia ou o princípio do prazer não agem como barreira?

É muito difícil, frente a Lucía ou a Marcela, não tecer histórias traumáticas que possam dar conta dessas constelações identitárias singulares das quais elas próprias necessitam, ainda que na mobilidade e em suas formas tão diferentes de vivê-las, uma na invisibilidade, outra na visibilidade. Como funcionam as subjetividades “nômades” de identificações móveis e flutuantes, senão no mesmo paradoxal desespero por formas de se consolidar frente à ameaça de diluição?

O movimento *queer* não se conforma com a redução da identidade gay a um estilo de vida acessível dentro da sociedade de consumo neoliberal. Trata-se de um movimento pós-identitário: *queer* não é

4. Retomo palavras de David Halperin.

uma identidade a mais no folclore multicultural, e sim uma posição de crítica atenta aos processos de exclusão e de marginalização que gera toda ficção identitária (Preciado, 2015).

Mas a renúncia ao sentimento de pertencimento a um gênero poderia então ser substituída pelo pertencimento a um coletivo, a uma luta... O/a próprio/a Paul B. Preciado reconhece esse dilema nele/nela:

Toda minha vida é um exercício de afirmação hiperbólica e de desidentificação ao mesmo tempo. (...) quero me definir absolutamente como transexual e me interessa essa definição como corpo subalterno que eu estou fabricando (...), mas ao mesmo tempo sei que isso é uma ficção. Que existe apenas frente a um sistema normativo. Antes o meu nome era Beatriz, mas experimentando ao mesmo tempo um prazer político extraordinário me chamando Paul, porque pela primeira vez estou pedindo a cumplicidade de toda a comunidade linguística frente ao meu desejo (...): Paul é tão falso quanto Beatriz, os dois são ficções políticas, porém a segunda é coletivamente construída: “peço a vocês que acreditem que eu me creio que juntos fabricamos Paul” (Preciado, 2015).

E logo, sugestivamente, acrescenta: “Deixei uma B, que fica por aí pendurada e que é como o que fica do processo de produção normativa, um resto” (Preciado, 2015).

Paul se chamava Beatriz. Beatriz se submeteu a tratamentos de transformação hormonal (com adesivos de testosterona), porém não tanto por uma vontade transexual, e sim para ser testemunha viva dos efeitos do biopoder e da regulação médica e farmacológica sobre os corpos⁵. Ensaio e transformações com contornos de *performance* que, no entanto, deixam um resto. O que resta do nome feminino testemunha essa alteridade, testemunha o “ela” que também faz parte do “ele”, à maneira de objeto “a” que cai e se perde em cada circuito da pulsão e em cada inscrição significativa.

Judith Butler (2002, pp. 316 e 323-325), continuadora das propostas de Foucault mas também tomando contribuições de Derrida, sustenta que a materialidade dos corpos é efeito mesmo da repetição de atos performativos sobre eles: efeito repetido de atos e normas reguladoras do discurso e do poder que, ao mesmo tempo, geram uma resposta em ato. À medida que se age, produz-se o gênero. Apela por uma completa desubstancialização do sexo - como corpo natura -, termo que seria absorvido pelo gênero, isto é, as significações sociais que assume esse sexo⁶.

É verdade que Lacan - assinalado por Daniel Gil (2011) - também propõe que a diferença homem e mulher não se sustenta em nenhuma essência, mas de qualquer forma propõe que “o fato de

5. Isso está documentado em seu livro *Testo yonqui* (Preciado, 2008, p. 15): “Esse livro não é uma autoficção. É um protocolo de intoxicação voluntária com base na testosterona sintética que concerne o corpo e os afetos de B.P. É um ensaio corporal”.

6. Falar de atos performativos, embora pareça remeter a uma tautologia, refere-se àqueles atos que engendram outros atos, e que sob uma aparente liberdade supõem a coação a um determinado fazer (Sandino, 2008, p. 20). Sob essa perspectiva, e apenas de modo ilustrativo, poderíamos pensar o ato de aprovação da lei do casamento homossexual também como coação velada aos modelos da hetero-normatividade, e entender a resistência a ele por parte de alguns grupos *queer*.

existirem dois é um dos cimentos fundamentais da realidade” (Lacan, 2008, p. 204)⁷. O corpo construído de Lacan é o do significante, para o qual o destino não é a anatomia, e sim o discurso, que separa o corpo do sujeito, estendendo esse último desde antes do nascimento até além da morte. Isso seria diferente do limite que propõe o real que, mais do que uma construção, parece supor uma fronteira inapelável (mesmo que secundária à apropriação imaginária e simbólica) que conduz a que, exceto no caso de doenças genéticas, alguém nascerá homem ou mulher.

A grande pergunta seria: até que ponto podemos conduzir à desubstancialização dessas categorias? Até que ponto ser homem ou mulher⁸ pode ser uma opção, uma ação/coação do outro/Outro sobre a pessoa mais do que um fato genético? Qual é o custo psíquico das manipulações e das alterações químicas e cirúrgicas dos corpos, que parecem supor uma abolição em ato de tais limites? A alta prevalência de depressão e suicídios entre os trans é efeito unicamente da dor causada pela marginalização e pela exclusão social? *Eu é outro*, mas até onde não enlouquece tornar realidade efetiva essa alteridade que nos habita? É possível que haja um desejo sem limite, sem proibição? Como se aproxima perigosamente o anseio da emancipação do desejo das vias mais destrutivas da sexualidade? A um certo niilismo que, como as propostas de Leo Bersani, estão voltadas a assinalar o sexo como “destrutivo, egoísta, não relacional” (citado em Halberstam, 2015, p. 107).

Certamente estou mostrando aqui o atravessamento pelos discursos da teoria e a necessidade de um horizonte de representações menos mutante e móvel, que me proteja frente à inquietude gerada pelo que fica sem resposta, na opacidade do que se desconhece. De qualquer forma, me interessa sustentar o mal-estar e conservar a possibilidade de lógicas diferentes. Nesse sentido, além do controverso da erótica do “sexo do Amô” proposta por Allouch (2009), posso sintonizar com certo posicionamento desse autor na linha da problematização do Édipo e a abertura a vias múltiplas de sexuação, que não sejam categorizadas a priori como normais ou perversas⁹.

Arte queer?

Além da nossa prática clínica, a arte é a única outra via pela qual podemos nos aproximar de certas formas de vibrar e sentir diferentes das nossas que, de outra forma, viveríamos somente como alheias ou exóticas, e não seriam capazes de nos comover. Mas, além disso, a arte tem essa capacidade maravilhosa de desenhar rapidamente o esboço de uma época e transmitir a atmosfera de um tempo. Somente

7. Efetivamente, o corpo é da realidade, mas acompanho Colette Soler (2010, p. 1) quando propõe que é “no sentido de que a realidade, depois de Freud, tem um estatuto subordinado: é algo que se constrói”.

8. Ou de que modo ser, como propõe Daniel Gil em o *Elogio de la diferencia* (2011, p.195).

9. Já assinalava Allouch, como Lacan, retomando o Freud dos *Três ensaios*, dizia que a perversão era normal (2009, s.p.).

poderíamos falar de uma “arte *queer*” - se é que existe como tal - no sentido de uma arte que tenha como finalidade desconstruir e questionar, inclusive caricaturando ou denigrando, o discurso hegemônico de um tempo e de um espaço específicos.

A modo de breves exemplos:

Em genuíno gesto *queer*, a amostra *Arte degenerado*, no ano passado, na Fundação Engelman Ost, em Montevideu, apropriou-se do que surge em um princípio para nomear o abjeto e o rejeitado da arte - as pinturas que Hitler uniu em uma sinistra amostra e qualificou como “degeneradas” por não estarem consagradas aos valores do sangue e da terra - para tratar o questionamento do assunto do gênero.

Diz o texto curatorial: “Degenerado, fora de gênero, uma arte que se distancia do binarismo feminino-masculino, homem-mulher, heterossexual-homossexual, ativo-passivo, forte-débil e um longo *et cetera*. (...) É possível gerar um discurso a partir da arte que demonstre o que está em jogo sem pretender demonstrar nada?” (Barrios, 2016, s.p.). Quem o escreve, Fernando Barrios, é também psicanalista e poeta e nos interpela desde *Derivas sur*, sua particular invenção de “performance textual”: “(...) Falar porque se tem a asa quebrada, como todos, porém algo diferente, porque as suralternidades se somam e é possível ser pobre e negro e puto e feio ou gordo e é possível crescer ouvindo como insulto os próprios traços (...)” (Barrios, 2016, s.p.).

Desde a outra margem, na amostra *Proyecto visible* (2012), Effy Beth, uma ativista transexual bonaerense que acabou por suicidar-se em 2014, em uma *performance* alterou a vestimenta de todos os que a visitaram fazendo-os exibir um vestido com uma história muito especial para ela. Era o mesmo vestido ajustado que usou em uma comemoração, quando ainda era Lucas, e que dividiu sua família em duas partes, entre os que a aceitaram assim e os que não a aceitaram. Novamente aqui, apropriação da marca da repulsa para fazer disso algo criativo e uma denúncia. Effy criou uma amostra fotográfica de corpos vestidos como ela e, apesar de nenhuma pessoa ter se transformado por vestir a sua roupa, reforçou a demonstração do instantâneo impacto que resulta parecer outro e ser uma corrosão à regra. A exposição esteve em exibição nas paredes da Casa Brandon, um templo do *gay friendly*, declarado Local de Interesse Cultural da Cidade de Buenos Aires.

De outra parte, desde as periferias não somente do gênero e sim também das geografias, das etnias e dos colonialismos, Susy Shock, outra argentina que se chama a si mesma artista “trans sudaca”, de pai pampeano e de mãe tucumana, autora, entre outros livros, de *Poemario transpirado* (2011) diz: “Reivindico o meu direito a ser um monstro/Meu direito a me explorar, a me reinventar. Fazer do meu mudar o meu nobre exercício” (citada em Máximo, 2012).

Enquanto a vemos entonar sugestivas canções “bagualas vidalas” - como ela as chama - junto a seus netos, poderíamos lembrar que sua casa não é uma casa hetero-normal, pois convive com Eduardo, seu parceiro há 22 anos; Mauricio, seu parceiro há 8; e Anahí, a filha que teve há 22 com Ede, a mulher que fora sua parceira quando era

um homem. Susy está quase à margem da lei de identidade de gênero porque não é homem nem mulher, é “Trans: transeunte do decorrer”, diz, e excluída do casamento homossexual, primeiro por ideologia e segundo por poligamia” (citada em Máximo, 2012).

Susy Shock é a prova vivente de que *queer* não é moda, não é pose, não é *cool* e, entretanto, até o mais revolucionário e o mais iritantemente questionador pode se tornar parte do sistema e uma mercadoria a ser consumida. Desse modo, muitos dos teóricos e ativistas *queer* já denunciam o esvaziamento de conteúdo de várias de suas reivindicações, que rapidamente se tornam slogans, destinados a captar um novo e rentável nicho de mercado.

Resumo

O trabalho tem o objetivo de pensar e questionar que corpo sexual estamos pensando, falando e ouvindo hoje em dia a partir da psicanálise. Problematizar os conceitos binários de homem/mulher, masculinidade/feminidade, supostamente marcados por uma anatomia que agiria como destino, à luz das propostas do corpo como construção. Ao mesmo tempo, atender à impugnação das categorias e à ambiguidade do “gênero fluido” que sustenta conceitualizações tais como a teoria e o ativismo *queer*. A partir de algumas situações clínicas e de alguns exemplos artísticos tentamos dar visibilidade ao que interpela à psicanálise a partir da sexualidade contemporânea, colocando em tensão as conceitualizações clássicas sobre Édipo e castração.

Descritores: *Gênero, Corpo, Desejo. Candidato a descritor: Diferença sexual anatômica, Castração.*

Abstract

The purpose of this paper is to reflect and inquire about what kind of body we listen to, speak to and think about nowadays in Psychoanalysis. Taking the body as a construction, the idea is to question the binary concepts of man-woman, masculinity- femininity, male-female, supposedly marked by an anatomy that would act as a form of destiny.

It also considers the challenge of categories and the ambiguity of “fluid gender” that is sustained by the Queer theory and activism.

Using a couple of clinical vignettes and some artistic examples, the article attempts to give visibility to the questioning of Psychoanalysis and its classical conceptualizations of Oedipus and castration, by contemporary sexuality.

Keywords: *Gender, Body, Desire. Candidate to keyword: Anatomic sexual differences, Castration.*

Referências

- Allouch, J. (1999). Editorial y Para introducir el sexo del amo. *Revista Litoral 27, La opacidad sexual*. Ediciones Edelp: Córdoba.
- Allouch, J. (2009). El sexo del Amo: *El erotismo desde Lacan*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata.
- Allouch, J. (2015). Despatologizaciones. In *El cuerpo queer*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Barrios, F. (2015). Texto curatorial. *Arte Degenerado*. Montevideo: Fundación Engelman Ost.

Barrios, F. (2016). *Derivas sur, performance textual em C`estpas sur, Coloquio Sur, La idealización de Europa*. México: Ecole lacanienne de psychanalyse.

Butler, J. (2000). Imitación e insubordinación de género. In *Grafías de Eros*. Buenos Aires: Edelp.

Butler, J. (2002). Cuerpos que importan: *Sobre los límites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires: Paidós.

Gil, D. (2011). *Elogio de la diferencia*. In Errancias. Montevideo: Trilce.

Halberstam, J. (2015). El giro antisocial en estudios queer. In *El cuerpo queer*. Buenos Aires: Letra Viva.

Lacan, J. (2008). De otro al Otro, *Seminario 16*. Buenos Aires: Paidós

Máximo, M. (2012). Fluidos trans: Arte y performance queer. *Revista Anfibia*. Recuperado de: <http://www.revistaanfibia.com/cronica/fluidos-trans-arte-y-performance-queer/#sthash.c5MjsOoM.PjYy9Jgh.dpuf>, 2012

Melenotte, G. H. (2004). *Sustancias del Imaginario*. Paris: Epel.

Núñez, S. (2008). *El miedo es el mensaje*. Montevideo: Amuleto.

Preciado, P. B. (2008). *Testo yonqui*. Madri: Espasa Calpe.

Preciado, P. B. (2009). “Queer”: historia de una palabra. *Parole de Queer*. Recuperado de <http://paroledequeer.blogspot.com.uy/2012/04/queer-historia-de-una-palabra-por.html>.

Preciado, P. B. (2015). La revolución que viene: luchas y alianzas somatopolíticas. Sicilia Queerfilmfest. [Arquivo de vídeo] Recuperado de <https://youtu.be/IltqAFSVZvA>.

Sibila, P. (2008). *La intimidad como espectáculo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Shock, S. (2011). *Poemario transpirado*. Buenos Aires: Ediciones Nuevos Tiempos.

Soler, C. (2010). El cuerpo en la enseñanza de Jacques Lacan. Recuperado de <https://agapepsicoanalitico.files.wordpress.com/2013/07/colettesoler-elcuerpoenlaensenanzadejacqueslacan.pdf>.